



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

CISÃO ENTRE JUDEUS E CRISTÃOS: PANORAMA HISTÓRICO DE 70 A 135 D.C.

Split between jews and christians: historical overview from 70 to 135 b.C

Samuel Pinheiro Tavares*
Carolina Bezerra de Souza**

Resumo:

Essa pesquisa bibliográfica visa descrever brevemente o desenvolvimento histórico judaico-cristão pós 70 d.C. até o ano 135 d.C. A primeira parte apresenta os fatos que levaram à destruição do Templo e os acontecimentos decorrente desse evento, como o surgimento do judaísmo rabínico em Jâmnia e o estabelecimento dos seguidores de Jesus em Pella. A segunda parte descreve a expansão do cristianismo pelo Império Romano, o desenvolvimento teológico e o perfil das primeiras comunidades cristãs. Por último, o texto analisa a revolta liderada por Simão Bar Kohba em 132-135 d.C., que resultou na expulsão dos judeus de Jerusalém.

Palavras-chave: Guerras Judaicas. Judaísmo rabínico. Cristianismo primitivo.

Abstract: This bibliographical research aims to briefly describe the historical development of Judeo-Christianism after 70 AD until 135 AD. The first part presents the facts that led to the destruction of the Temple and the events resulting from this event, such as the emergence of rabbinic Judaism in Jamnia and the establishment of the followers of Jesus in Pella. The second part describes the expansion of Christianity throughout the Roman Empire, the theological development and the profile of the first Christian communities. Finally, the text analyzes the revolt led by Simon Bar Kohba in 132-135 AD, which resulted in the expulsion of the Jews from Jerusalem.

Keywords: Jewish Wars. Rabbinic Judaism. Early Christianity.

* Bacharel em Teologia e Licenciado em História pela ULBRA Rio Grande do Sul. Mestrando em Teologia pela Faculdades EST Rio grande do Sul. E-mail: sahmuel.pt@gmail.com

** É mestra e doutora em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação Acadêmico e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Teologia da Faculdades EST. E-mail: carolbsouza@gmail.com

1 Introdução

A Guerra Judaica (66-73/74 d.C.) foi um evento basilar para a futura separação entre o judaísmo e o cristianismo. Com o Templo destruído as diferenças sutis se tornassem cada vez mais marcantes e dificultaram a convivência harmônica entre os dois segmentos. Em Jâmnia o farisaísmo se transformou no judaísmo rabínico, já a seita dos nazarenos se espalhou por várias partes do Império e se transformou no cristianismo. O temor por novas revoltas fez com que os imperadores perseguissem quaisquer grupos dissidentes, entre eles os cristãos. 60 anos após a destruição do Templo emerge outra revolta que levou à expulsão definitiva dos judeus de Jerusalém em 135 d.C.

A história de Israel é permeada por períodos de opressão, guerras e revoltas, sempre impulsionada pela esperança em um salvador. Ao longo dos séculos, diversos messias emergiram com o propósito de libertar a nação do jugo estrangeiro.

Um grupo se destacou por seu caráter pacifista, com uma visão de libertação que transcendia o âmbito político, abrangendo também o espiritual, esses pertencem ao segmento de Jesus. Outros messias surgiram e esses tiveram êxito até certo ponto, mas acabaram sendo derrotados por Roma. Por volta do ano 70 e do ano 135 d.C. eclodiram duas revoltas que marcaram a história israelita: na primeira o Templo foi destruído, na segunda os judeus foram expulsos de Jerusalém.

2 Guerra judaica de 66-73/74 d.C.

Quando Nero ainda era imperador uma série de revoltas deu início à Guerra Judaica que culminou na destruição do Templo em agosto de 70 d.C., em muitas partes de Jerusalém “não ficou pedra sobre pedra”.¹

Desde a era dos Macabeus a população local vivia em constante conflito com os dominadores estrangeiros, altas taxas de impostos eram cobradas e alguns governadores romanos, como Festo, Albino e Floro, invadiam as cidades e matavam a população para se apropriar de suas posses. Segundo a descrição de Josefo, de ambos os lados havia interesse no conflito, alguns governadores romanos da região

¹ DONNER, Herber. **História de Israel e dos povos vizinhos: Da época da divisão do reino até Alexandre Magno**. vol. II. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1997, p. 519, 520.

queriam os bens dos judeus e os tesouros do Templo, os judeus queriam se livrar dos romanos, para ambos, tais objetivos seriam atingidos através de uma guerra. Porém, também havia dos dois lados pessoas contrárias ao conflito que fizeram de tudo para acabar com a animosidade. Entretanto os grupos extremistas, formados pelos sicários e pelos zelotes, impediram qualquer tipo de acordo e a partir disso se iniciou uma guerra civil em Jerusalém entre os judeus que desejavam a guerra e os contrários a ela.²

João de Gishala e Simão bar Giora comandaram a guerra em Jerusalém, Simão tinha um ideal de acabar com a desigualdade social.³ Porém, de acordo com Josefo, em certo momento da guerra civil eles começaram a roubar alimentos e bens, massacraram e mataram de fome seus irmãos, a população sofreu tanto com a tirania judaica quanto com a romana, parte da população decidiu fugir, preferindo a escravidão ou a morte ao invés de permanecer em Jerusalém. Após o suicídio de Nero e a guerra civil causada pela disputa de quem o substituiria, Vespasiano é aclamado imperador e designa seu filho Tito para resolver a questão de Jerusalém. Após um longo cerco, os romanos conseguiram invadir a cidade, o Templo é incendiado e destruído.⁴

Na época havia o costume do imperador celebrar as vitórias com uma procissão na capital do império, isso foi feito por Vespasiano e pelo seu filho Tito. Um dos líderes da revolta, João de Gishala, apenas foi preso. Porém, o açoitamento e a execução de Simão bar Giora no clímax da procissão revelam que os romanos o reconheciam como líder da nação e rei dos judeus. Novamente os israelitas ficam sob o jugo romano.⁵

Mesmo após a derrota dos judeus havia uma contínua preocupação dos imperadores romanos com a possibilidade de eclodir uma nova revolta liderada por algum líder ou por alguém que pertencia à família real. Então, após a destruição do Templo e o fim da guerra, Vespasiano iniciou uma busca pelos descendentes de Davi “a fim de que não restasse entre os judeus ninguém de estirpe real. Esta ordem desencadeou novamente violenta perseguição aos judeus”.⁶ Alguns anos depois o

² JOSEFO, Flavio. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 989-1424.

³ PIXLEY, Jorge. **Historia Sagrada, Historia Popular: Historia de Israel desde los Pobres 1220 a.C. a 135 d.C.** San José: DEI, 1989, p. 121.

⁴ JOSEFO, 2014, p. 989-1424.

⁵ HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. **Bandidos, Profetas e Messias: Movimentos Populares no Tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 118. 119.

⁶ CESARÉIA, Eusébio de. **História Eclesiástica**. (Coleção Patrística n. 15). São Paulo: Paulus, 1995, livro III, cap. XII, p. 134.

Imperador Domiciano, preocupado com possíveis rivais, perseguiu todos que possuíam ideologias diferentes da sua, inclusive os judeus, pois “a princesa herodiana Berenice e o historiador Flávio Josefo, tinham chegado mesmo a instalar-se na própria corte dos antecessores de Domiciano”.⁷

Como o Templo não existia mais “o imposto ritual do didracma, que outrora todo o fiel da santa Torah pagava para o Templo”,⁸ “foi substituído pelo humilhante *fiscus Judaicus*”,⁹ que passou a ser destinado a Júpiter, Vespasiano e Tito foram compassivos, mas a partir de Domiciano o tributo passou a ser coletado rigorosamente.¹⁰ A maior parte da terra “tornou-se propriedade de César” e os judeus se tornaram arrendatários.¹¹

3 Judeus e cristãos antiguerra

Dentro das comunidades israelitas havia muitos que não queriam a guerra, uns porque faziam parte do sistema e outros por motivos da não violência. Dois grupos de judeus serão analisados, um deles é o dos judeus fariseus, que originaram o judaísmo rabínico, o outro é o dos judeus cristãos. Ambos saíram de Jerusalém antes do cerco romano, eles escaparam das misérias perpetradas tanto pelos próprios irmãos quanto pelos estrangeiros.

Logo no início das revoltas em 66 d.C. e antes do cerco de Jerusalém em 70, os seguidores de Hillel, pertencentes à ala moderada e liderados pelo renomado rabino fariseu João Ben Zakkai, se opuseram à insurreição dos judeus contra Roma e receberam permissão para se estabelecerem em Jâmnia. Foi lá que se iniciou o judaísmo rabínico. Desse momento em diante, ser judeu não era mais fazer parte do povo camponês residente em Israel, mas pertencer às comunidades espalhadas pelo mundo que vivem de acordo com as leis e os costumes de Moisés.¹²

⁷ ROPS, Daniel. **A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires**. São Paulo: Quadrante, 1988, p. 163.

⁸ ROPS, 1988, p. 164.

⁹ STEGEMANN, E.; STEGEMANN W. **História Social do Protocristianismo: Os Primórdios no Judaísmo e as Comunidades de Cristo no Mundo Mediterrâneo**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004, p. 254.

¹⁰ ROPS, 1988, p. 164.

¹¹ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 254.

¹² PIXLEY, 1989, p. 122.

Em Jâmnia foi formado um novo sinédrio, porém era diferente do seu antecessor de Jerusalém, pois esse “conselho de 72 ‘anciãos’ [...] não tinha mais nenhuma importância política. Sua incumbência principal consistia no cultivo e na interpretação da Sagrada Escritura e em sua aplicação à vida diária judaica”.¹³

Com a ruína do Templo e a impossibilidade dos sacrifícios

O estudo da Torá e sua práxis — acima de tudo, a práxis das obras do amor — transformaram-se em substituto plenamente válido para os sacrifícios. O culto a Deus transformou-se em culto da Palavra de Deus, como já havia muito tempo tinha se desenvolvido nas sinagogas.¹⁴

Foi a partir desse novo modelo que foram superadas as divisões existentes quando o Templo ainda estava de pé, dando assim origem a uma coalisão no judaísmo.¹⁵

Jesus em seu ministério terreno anunciou a chegada do Reino de Deus. Alguns autores focalizam a análise do movimento de Jesus no âmbito religioso.¹⁶ Porém, outros também salientam questões de caráter social e político, pois Jesus ensinava que “Deus é rei e que podemos esperar seu Reino como uma sociedade nova e mais perfeita”.¹⁷

Os discípulos de Jesus frequentavam o templo quando ele ainda estava de pé e guardavam os costumes judaicos, suas assembleias eram como uma sinagoga, com poucas diferenciações. Após Estêvão e Tiago, irmão de João, serem executados, parte dos cristãos se dispersaram e foram para Antioquia, quando passaram a ser chamados de cristãos, além disso, a prisão de Pedro fez com que Tiago, irmão de Jesus, assumisse a liderança da igreja em Jerusalém. O problema, nesse período, foi a aceitação das pessoas não judias na comunidade cristã, conseqüentemente, uma divergência se eles deveriam observar a Lei Mosaica ou não.¹⁸

Segundo a narrativa de Eusébio de Cesareia, os judeus seguidores de Jesus, que ainda moravam em Jerusalém, também fugiram antes da guerra e se instalaram em Pella. Após o martírio de Tiago, irmão de Jesus, que foi o primeiro bispo de

¹³ DONNER, 1997, p. 523.

¹⁴ THEISSEN, Gerd. **A Religião dos Primeiros Cristãos: Uma Teoria do Cristianismo Primitivo**. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 196.

¹⁵ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 255.

¹⁶ DONNER, 1997, p. 519.

¹⁷ PIXLEY, 1989, p. 118.

¹⁸ FERGUSON, Everett. **História da Igreja: Dos dias de Cristo à Pré-Reforma**. Vol. I. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2017, p. 30-33.

Jerusalém, Simeão de Klopa foi eleito como seu sucessor em 70. Nessa época, muitos consanguíneos de Jesus estavam vivos, eles se reuniram com os Apóstolos sobreviventes e com os discípulos do Senhor para decidir quem seria digno de substituir o Apóstolo Tiago, Simeão era primo de Jesus, seu pai Cléofas era irmão de José.¹⁹

Quando os exércitos romanos deixaram Jerusalém após a destruição do Templo, os cristãos retornaram para lá e reconstruíram suas vidas. Muitos gregos que moravam em Pella também se mudaram para Jerusalém. Segundo Theissen, após a destruição do templo, o cristianismo “desenvolveu uma rejeição fundamental do culto sacrificial [...] o único sacrifício de Jesus tornou-se a supressão definitiva de todos os outros sacrifícios rituais”.²⁰

4 O cristianismo em Jerusalém e no Império Romano

Os mesmos fatores que uniram os vários grupos de judeus fizeram com que os cristãos se separassem do judaísmo. De um lado os judeus centralizaram sua doutrina na aplicação da lei ao cotidiano, observavam o sábado, davam o dízimo, aguardavam a ressurreição e o juízo. Do outro lado os cristãos centralizaram sua fé na crença que Jesus é o “Messias e Filho de Deus” e interpretaram os rituais de maneira diferente, assim “esses grupos praticamente se auto-excluíram da corrente principal do judaísmo em formação”.²¹

Em seu início, o cristianismo era uma ramificação da religião israelita, “Jesus e seus seguidores estavam profundamente enraizados no judaísmo. Nada lhes era mais estranho do que a ideia de sobrepujar ou abandonar o judaísmo”.²² Porém, quanto mais o tempo passava mais o cristianismo era forçado a se separar do judaísmo, pois as diferenças iam aumentando dia após dia, chegando ao ponto dos rabinos, na década de 90 em Jâmnia, formularem 18 bênçãos onde a décima segunda é uma maldição contra os cristãos (*noserim*) e os hereges (*minim*),²³ que dizia:

¹⁹ CESARÉIA, 1995, livro III, cap. XI, p. 134.

²⁰ THEISSEN, 2009, p. 196.

²¹ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 255, 256.

²² THEISSEN, 2009, p. 227.

²³ KISTEMAKER, Simon. **Apocalipse**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 214.

Para os apóstatas, que não haja esperança. E que o governo arrogante seja rapidamente desarraigado em nossos dias. Que os nozerim e os minim sejam destruídos em um momento. E que eles sejam apagados do Livro da Vida e não sejam inscritos junto com os justos. Bendito és tu, ó Senhor, que humilhas os arrogantes.²⁴

Assim como Vespasiano perseguiu os descendentes de Davi, seu filho Domiciano²⁵ teve a mesma preocupação. Porém, o cristianismo possuía um agravante, pois, além de Jesus ter sido acusado de sedição contra Roma, também era descendente de Davi e seus seguidores estavam se espalhando pelo Império. Para Domiciano, o seguimento de Jesus não passava de mais um movimento messiânico anti-romano que havia surgido e precisava ser sufocado.

Eusébio de Cesareia narra que, por volta do ano 90 d.C., o Imperador Domiciano convocou os netos de Judas, que era irmão de Jesus “segundo a carne”,²⁶ e perguntou se eles eram descendentes de Davi, responderam que sim. Também perguntou sobre suas posses, eles disseram que tinham poucas terras, para confirmar o que haviam dito mostraram suas mãos calejadas do trabalho. Então Domiciano questionou sobre o que era sua maior preocupação: o Reino de Cristo, “sua natureza, o lugar e o tempo de sua manifestação”,²⁷ eles responderam que o

[...] seu reino não era deste mundo, nem da terra, mas celeste e angélico e que chegaria na consumação dos séculos, quando Cristo viria na glória a julgar os vivos e os mortos e a retribuir a cada um conforme as suas obras.²⁸

Vendo que não ofereciam perigo, dispensou-os. Nessa mesma época João tinha sido preso e enviado para a ilha de Patmos, durante o exílio teve as visões contidas no seu Apocalipse. Após cessada a perseguição ele “retomou seu modo de viver em Éfeso”.²⁹

Após Domiciano ter sido assassinado,³⁰ Nerva governou por pouco tempo e foi substituído por Trajano.³¹ Eusébio também descreve o martírio do bispo de Jerusalém, Simeão de Klopa, que foi acusado por alguns hereges de pertencer à descendência de Davi. Por ordem do imperador Trajano, ele foi torturado e

²⁴ Bênçãos sobre os Hereges. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/birkat-ha-minim>. Acesso em: 05 dez. 2024.

²⁵ Foi Imperador do ano 81 até o ano 96 d.C.

²⁶ CESARÉIA, 1995, livro III, cap. XX, p. 137.

²⁷ CESARÉIA, 1995, livro III, cap. XX, p. 137.

²⁸ CESARÉIA, 1995, livro III, cap. XX, p. 138.

²⁹ CESARÉIA, 1995, livro III, cap. XX, p. 139.

³⁰ ROPS, 1988, p. 111.

³¹ Foi Imperador do ano 98 até o ano 117 d.C.

crucificado.³² Havia muitos judeus crentes em Jesus, Simeão foi sucedido por um deles chamado Justo.³³

No final do primeiro século e início do segundo, o cristianismo havia se espalhado e estava “representado na Ásia Menor, Síria, Macedônia, Grécia e na cidade de Roma. Ele poderia muito bem ter estado – e por volta de 130 certamente estava – presente no Egito”.³⁴ Em certo aspecto, os romanos eram tolerantes com a religião dos povos subjugados, porém havia limites e quando entravam em conflito com os interesses de Roma elas eram suprimidas.³⁵

Uma série de outros eventos foram separando cada vez mais o judaísmo do cristianismo, como o martírio de Tiago, a destruição do Templo e a revolta de Bar Kohba, com isso Jerusalém deixou de ser o “centro geográfico do movimento cristão”.³⁶

O cristianismo primitivo se formou a partir de pessoas procedentes das mais variadas correntes religiosas e filosóficas dos povos que rodeavam o mediterrâneo. Da união dessas antigas crenças com os ensinamentos de Jesus e dos Apóstolos surgiram heresias que foram combatidas e estão registradas nos escritos do Novo Testamento e dos Pais da Igreja.

O Apocalipse de João cita alguns problemas doutrinários vividos nas igrejas de Esmirna, Pérgamo e Tiatira, comunidades fora de Israel que se localizavam na Ásia Menor, atual Turquia. O texto chamou a atenção dos cristãos para não caírem nas armadilhas feitas por pessoas que seguiam as doutrinas de Balaão, elas ensinavam que os irmãos deveriam buscar “segurança pessoal na participação das práticas daqueles que se congregavam para o culto ao imperador”,³⁷ sacrificando “um animal no culto oferecido a César”³⁸ e comendo carnes sacrificadas aos ídolos. Também alerta sobre as más obras dos nicolaítas, que instigavam os cristãos a se envolverem em imoralidades sexuais e a comerem “alimento oferecido aos ídolos”.³⁹ Em Tiatira havia uma profetiza que “persuadia a igreja a envolver-se em relações sexuais ilícitas

³² CESARÉIA, 1995, livro III, cap. XXXII p. 156.

³³ CESARÉIA, 1995, livro III, cap. XXXV p. 160.

³⁴ WALKER, Wiliston. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 2006, p. 56.

³⁵ WALKER, 2006, p. 67, 68.

³⁶ FERGUSON, 2017, p. 46.

³⁷ KISTEMAKER, 2004, p. 177.

³⁸ KISTEMAKER, 2004, p. 178.

³⁹ KISTEMAKER, 2004, p. 178.

nos templos pagãos e ali comer o alimento que fora oferecido a um ídolo”.⁴⁰ Outro impasse vivido foi com alguns judeus, que foram chamados de falsos judeus e que suas assembleias eram sinagogas de satanás.⁴¹ O Apocalipse deixou claro quais eram os problemas enfrentados nas primeiras comunidades cristãs da Ásia Menor no final do primeiro século. Estes estavam ligados ao culto imperial, à imoralidade sexual e com as divergências inconciliáveis entre o judaísmo e o cristianismo.

Dunn descreve as implicações resultantes da influência judaica e pagã na igreja do primeiro e segundo século. Os judeus que se converteram ao cristianismo formaram o “Judaísmo Cristão”, do meio deles surgiu a heresia ebionita, que negava a divindade de Cristo e pregava a continuidade da lei de Moisés. Dos gregos convertidos surgiu o “Cristianismo Helenístico”, de onde vieram as heresias gnósticas, que negavam a encarnação do filho, ensinavam o dualismo e com ele os dois extremos da promiscuidade ou do ascetismo. O cristianismo se iniciou como uma seita judaica escatológica. Foi dentro do “Cristianismo Apocalíptico” que mais tarde surgiu a heresia montanista, eles diziam que recebiam revelações e que essas eram superiores à dos apóstolos, eles também proibiam o casamento e pregavam uma volta iminente de Cristo para instituir o reino milenar.⁴²

O Novo Testamento relata que pessoas de várias classes sociais creram na mensagem de Jesus, isto é, pobres (Mt 11:5), ricos (Mc 15:43) e estrangeiros (At 10:1). Desde a morte de Nero⁴³ o cristianismo alcançou indivíduos das camadas mais altas da sociedade. Rops escreveu que

[...] passaram a pertencer à Igreja membros da aristocracia como Macílio Glabrião, cônsul no ano 91 [...] É muito possível que Tito Flávio Sabino, prefeito da cidade ao tempo de Nero e irmão de Vespasiano, tivesse recebido alguma luz evangélica; e Flávio Clemente, seu filho, primo de Domiciano, bem como sua esposa Flávia Domitila, pertencem já com certeza à "seita", juntamente com os seus dois filhos, que eram os prováveis herdeiros do imperador.⁴⁴

O Apocalipse de João descreve a condição social e espiritual de sete comunidades localizadas na Ásia Menor. Porém, “a frase ‘Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas’, repetida sete vezes, dá a ideia de que a mensagem

⁴⁰ KISTEMAKER, 2004, p. 187.

⁴¹ KISTEMAKER, 2004, p. 187.

⁴² DUNN, James. **Unidade e Diversidade no Novo Testamento: um Estudo das Características dos Primórdios do Cristianismo**. São Paulo: Editora Academia Cristã, 2009, p. 357, 492.

⁴³ Viveu de 37 d.C. a 68. Foi imperador de 54 a 68.

⁴⁴ ROPS, 1988, p. 163.

contida em cada carta é destinada a um público maior que só a igreja local”,⁴⁵ ou seja, elas representariam a “Igreja universal; as sete cartas são endereçadas a toda região onde o povo de Deus se congrega para o culto, comunhão e expansão do espírito”.⁴⁶ Então, a partir da descrição dessas sete igrejas é possível ter um panorama de congregações da época.

O Apocalipse de João expõe um contraste entre a igreja de Esmirna (Ap 2,9-11) e a de Laodicéia (Ap 3,14-22). Esmirna era formada por pessoas pobres, é provável que as más condições financeiras advinham de perseguições que estavam sofrendo, elas perdiam seus empregos e suas propriedades eram destruídas.⁴⁷ Para participar do comércio, era necessário fazer parte das guildas, cada uma possuía sua própria divindade e oferecia culto ao Imperador, o cristão que quisesse se associar a uma guilda teria que, obrigatoriamente, prestar culto aos ídolos e ao Imperador.⁴⁸ Já os crentes de Laodicéia eram bem-sucedidos, “a cidade era famosa por sua lã preta brilhante.”⁴⁹ Duas diferenças podem ser vistas a partir da descrição dessas igrejas, a primeira é que havia algumas comunidades ricas e outras pobres, umas viviam com liberdade e outras eram perseguidas, tudo indica que isso dependia do local e do contexto de cada igreja.

A perseguição, os negócios e a vocação missionária fez com que os cristãos se espalhassem pelo mundo levando a sua fé,⁵⁰ nos três primeiros séculos o cristianismo era formado majoritariamente por “escravos, carpinteiros, pedreiros ou ferreiros”,⁵¹ mas com o tempo chegou à alta classe da sociedade e até mesmo ao imperador Constantino, que em 313 promulgou o Edito de Milão, desse momento em diante a “igreja perseguida passou a ser a igreja tolerada [...] a igreja, que até então era formada principalmente por pessoas das classes mais baixas da sociedade, começou a abrir espaço entre a aristocracia”.⁵² O crescimento do cristianismo foi

⁴⁵ LADD, G. E. **Apocalipse**. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1986, p. 29.

⁴⁶ KISTEMAKER, 2004, p. 146.

⁴⁷ OSBORN, Grant R. **Apocalipse: Comentário Exegético**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 142, 143.

⁴⁸ KRAYBILL, J. Nelson. **Culto e Comércio no Apocalipse de João**. São Paulo: Paulinas, 2004.

⁴⁹ OSBORN, 2014, p. 229.

⁵⁰ GONZÁLEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo**. Vol. I. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 37.

⁵¹ GONZÁLEZ, 2011, p. 94.

⁵² GONZÁLEZ, 2011, p. 543, 544.

tamanho que, no ano 380, “Teodósio e Graciano emitiram um edito [...] o cristianismo era agora a religião oficial do império, e todas as outras foram proibidas”.⁵³

5 A revolta de Bar Kohba em 132-135 d.C.

Entre os anos 117 e 138 Adriano governou Roma e houve outra revolta judaica liderada por Simão Bar Kohba. Há duas hipóteses para o estopim da rebelião, a primeira e mais provável foi por Adriano ter ordenado a reconstrução de Jerusalém e assim transformá-la na “Colônia Aelia Hadriana Capitolina romana”,⁵⁴ a segunda foi que “a proibição da circuncisão, decretada pelos romanos, teria desencadeado a revolta”.⁵⁵ Simão Bar Kohba libertou Jerusalém, reestabeleceu o culto e os sacrifícios, é provável que tenha dado início à reconstrução do Templo,⁵⁶ ele e seus seguidores imprimiram “moedas com a inscrição ‘Ano I da libertação de Israel’” e governaram de forma independente por mais de três anos.⁵⁷

Os cristãos não reconheceram Bar Kohba como messias, conseqüentemente, não lhe prestaram apoio,⁵⁸ por isso, segundo a narrativa de Eusébio, Simão “mandou submeter somente os cristãos a terríveis suplícios, se não renegassem a Jesus Cristo e não blasfemassem contra ele”.⁵⁹ Sob o comando romano os cristãos também eram injuriados e martirizados, o governador Serênio Graniano enviou uma carta ao imperador Adriano “dizendo não ser justo que em atenção ao clamor popular fossem mortos, sem nenhuma acusação e julgamento”.⁶⁰

É provável que a revolta de Bar Kohba tenha sido um movimento de grande escala, ele implementou importantes reformas jurídicas, especialmente em questões agrárias, ou seja, foi um movimento de resistência popular de caráter messiânico. Bar Kohba teve como principal conselheiro o famoso Rabino Akiva. Para acabar com a rebelião o imperador Adriano teve que enviar Júlio Severo, que era um dos seus melhores generais, para reprimir a revolta, que terminou em 135 com a derrota de

⁵³ WALKER, 2006, p. 171, 172.

⁵⁴ DONNER, 1997, p. 524.

⁵⁵ DONNER, 1997, p. 524.

⁵⁶ DONNER, 1997, p. 525.

⁵⁷ HORSLEY; HANSON, 1995, p. 120.

⁵⁸ BARRERA, Julio T. **A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 615.

⁵⁹ CESARÉIA, 1995, livro IV, cap. VIII, p. 180.

⁶⁰ CESARÉIA, 1995, livro IV, cap. VIII, p. 181.

Simão Bar Kohba. Após o fim da revolta as cidades helenísticas dominaram o território de Israel, os centros religiosos e a identidade cultural foram destruídos.⁶¹ Então, “Jerusalém de fato foi transformada na Colônia Aelia Capitolina e ampliada em estilo helenístico-romano”,⁶² por um tempo os judeus sobreviventes foram proibidos de entrar na cidade, “Na praça do templo foi erguida uma estátua de Adriano a cavalo, e foi inaugurado o culto à tríade divina capitolina — Júpiter, Juno e Minerva”.⁶³

6 Considerações finais

A partir da análise histórica realizada neste estudo, fica evidente que o período compreendido entre 70 e 135 d.C. foi crucial para a definição das identidades religiosas do judaísmo e do cristianismo. Os eventos desencadeados pela destruição do Templo em 70 d.C. e pela subsequente revolta de Bar Kohba em 135 d.C. não apenas marcaram o fim de uma era para o povo judeu, mas também proporcionaram o contexto necessário para grandes mudanças e para a separação definitiva entre essas duas tradições religiosas.

A transferência dos centros religiosos de Jerusalém para Jâmnia e Pella revelam como ambos os grupos responderam de maneira distinta à crise. Os judeus, sem o Templo, centraram sua espiritualidade no estudo da Torá e nas práticas cotidianas, enquanto os cristãos desenvolveram uma teologia baseada no sacrifício único de Jesus.

A perseguição aos descendentes de Davi e a imposição do *fiscus Judaicus* são exemplos de como o contexto político influenciou profundamente as comunidades judaicas pós 70 d.C. Ao mesmo tempo, a diversidade social e teológica dentro do cristianismo, refletida nas comunidades descritas no Apocalipse de João, demonstra os desafios internos enfrentados pela nova fé.

Por fim, o período analisado evidencia que o distanciamento entre o judaísmo e o cristianismo não foi um evento repentino, mas um processo gradual, moldado por conflitos políticos, sociais e teológicos. Esse período lançou as bases para o

⁶¹ PIXLEY, 1989, p. 121, 122.

⁶² DONNER, 1997, p. 525.

⁶³ DONNER, 1997, p. 525.

desenvolvimento posterior de ambas as religiões e deixou marcas que ainda hoje são perceptíveis nessas tradições.

Referências

BARRERA, Julio T. **A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

Bênçãos sobre os Hereges. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/birkat-ha-minim>. Acesso em: 05 dez. 2024.

CESARÉIA, Eusébio de. **História Eclesiástica**. (Coleção Patrística n. 15). São Paulo: Paulus, 1995.

DONNER, Herber. **História de Israel e dos Povos Vizinhos: da Época da Divisão do Reino até Alexandre Magno**. vol. II. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1997.

DUNN, James. **Unidade e Diversidade no Novo Testamento: um Estudo das Características dos Primórdios do Cristianismo**. São Paulo: Editora Academia Cristã, 2009.

FERGUSON, Everett. **História da Igreja: Dos dias de Cristo à Pré-Reforma**. Vol. I. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2017.

GONZÁLEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo**. Vol. I. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. **Bandidos, Profetas e Messias: Movimentos Populares no Tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1995.

JOSEFO, Flavio. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

KRAYBILL, J. Nelson. **Culto e Comércio no Apocalipse de João**. São Paulo: Paulinas, 2004.

KISTEMAKER, Simon. **Apocalipse**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

LADD, G. E. **Apocalipse**. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1986.

OSBORN, Grant R. **Apocalipse: Comentário Exegético**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

PIXLEY, Jorge. **Historia Sagrada, Historia Popular: Historia de Israel desde los Pobres 1220 a.C. a 135 d.C**. San José: DEI, 1989.

ROPS, Daniel. **A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires**. São Paulo: Quadrante, 1988.

STEGEMANN, E.; STEGEMANN, W. **História Social do Protocristianismo: Os Primórdios no Judaísmo e as Comunidades de Cristo no Mundo Mediterrâneo**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

THEISSEN, Gerd. **A Religião dos Primeiros Cristãos: Uma Teoria do Cristianismo Primitivo**. São Paulo: Paulinas, 2009.

WALKER, Wiliston. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 2006.